

CAMPO GRANDE, MS, 28 DE JUNHO DE 2001

*Meu caro Governador e amigo – eu não sei dizer seu nome inteiro – é Zeca do PT, que é mais simples, mais direto e mais simpático; Dona Gilda Maria Gomes dos Santos, que é sua senhora; Ministros aqui presentes; e, aqui, é da praxe que o Presidente saúde o Ministro da área, Ministro José Jorge, que é o Ministro de Minas e Energia; mas eu vou acrescentar um Ministro de Mato Grosso do Sul, Ramez Tebet, que aqui está, também, e que foi tão importante a nomeação dele que até o Ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, fez questão de acompanhar; Senhores Parlamentares dessa bancada vigorosa de Mato Grosso do Sul; Senadores e Deputados; Companheiros todos; Senhor Prefeito de Campo Grande, Doutor Fontionelli, que aqui está, para a nossa satisfação; Senhor Presidente da Gerasul, que acabou de falar, Doutor Arlindo Veroni; Presidente da Petrobras, que tem que ser mencionado sempre, porque a Petrobras paga a conta; enfim, tanta gente tão simpática e tão importante, neste momento em que nós estamos, aqui, simbolizando uma transformação importante para o Estado de Mato Grosso do Sul.*

Na verdade, esta cerimônia tem um aspecto, como já disse o Governador Zeca, de casualidade simbólica. Nós estamos chegando da Bolívia, onde fomos para avançar mais no processo de integração, precisamente. Integração comercial, viária mas, sobretudo, energética.

E, isso, num momento em que estamos atravessando uma crise de energia. Crise que nós vamos vencer. E basta dizer com toda a fé e convicção isso, quando se percebe a disposição de um homem, como o Governador de Mato Grosso do Sul, que tem coragem, porque tem coragem de não ser hipócrita. Não é fácil. Mas, mais do que isso, tem coragem de realizar o que ele disse que realizou, porque realizou, porque eu acompanhei o ajuste fiscal feito aqui, em Mato Grosso do Sul.

Quando se vê que, num dado momento, as diferenças partidárias cedem, diante da chama que deve estar no coração de cada um de nós; quando penso no País, renovo a minha confiança que vamos, sim, vencer essa e muitas outras crises. Porque o Brasil é maior que todas elas.

Eu acho que o fato de ter vindo tantas vezes a Mato Grosso do Sul é porque aqui existe vibração. Aqui existe uma bancada federal que luta. E, tanto é assim, que tem um Ministro que foi tirado dessa bancada. Aqui tem um governo que trabalha. Aqui tem um povo que está remodelando este estado. É fácil ver isso. Não é preciso muita prospecção para perceber que esse estado está avançando.

É a sexta vez que venho aqui. Mas eu venho satisfeito, venho feliz, porque se vê aqui um povo que não se abate diante das adversidades, que não teme o futuro. O futuro depende, como disse o Governador Zeca, de sonhar. É preciso ter a capacidade de imaginar outra coisa diferente do que está agora. Se não sonhar, não se avança. Se se quiser avançar sem sonhar, pode-se bater com a cabeça na parede. Se ficar apenas sonhando, perde-se o tempo. É preciso ter essa capacidade de sonhar e de realizar.

Eu sinto, aqui, em Mato Grosso do Sul, essa disposição. Venho, portanto, feliz, aqui. Mas devo dizer que não é o único estado, no Brasil, onde existe essa vibração. Quem conhece o Brasil, quem, realmente, se dá ao trabalho de sair de casa, do escritório, da mesa onde escreve, para olhar o que acontece neste país, tem confiança nele.

Não é por acaso que os investidores continuam investindo. E, hoje – talvez, até, por outra coincidência simbólica – houve a licitação de, creio, oito hidrelétricas, num total de 2.300 megawatts. E a primeira que foi licitada teve um ágio de 2.000%. Por quê? Porque, agora, as forças estão se mobilizando para resolver esse impasse da energia no Brasil. E vamos vencer.

Este país é tão extraordinário que mal foi anunciado que tínhamos um problema – naturalmente, as idéias são as mais variadas sobre como solucioná-lo – o primeiro impulso de alguns, até de setores importantes, foi: “apagão”. Eu disse: “Não. Não se começa pelo fim. Começa-se fazendo tudo para evitar o “apagão”. E nós vamos evitar esse “apagão” fazendo o racionamento que o povo está fazendo.

Este é um grande povo, que tem consciência e quase que espontaneamente começa a trabalhar. Mesmo quando algum setor político – e não me refiro aos companheiros do Zeca, porque não foram eles – se pronuncia, às vezes, precipitadamente, dizendo que não precisa de racionamento, o povo, sozinho, faz. Porque percebeu que era necessário e percebeu, também, que o País tem força suficiente para vencer mais essa etapa.

O que nós vimos, recentemente, nos índices de redução de consumo, deixou claro que há um esforço solidário e consciente do povo, para evitar medidas mais drásticas. Evidentemente, nós vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para isso. Vamos depender muito de que haja, também, sorte e a mão divina. Porque é preciso que chova. Porque, por mais que se diga, a questão principal é a falta de água.

Por mais que nós façamos – como estamos fazendo – esforços, no terreno termelétrico, nas energias alternativas, na regulamentação mais estável de todo o sistema, basicamente o sistema brasileiro tem uma fonte hidráulica: 92% da nossa energia são gerados por hidrelétricas. Por mais que façamos, como estamos fazendo – como ainda agora, em San Alberto, lá na Bolívia, fomos ver, existe gás, bastante gás, mas o gás disponível em um prazo, digamos, de cinco anos dará para fazer talvez outra Itaipu – nós precisamos, em cinco anos, muito mais do que outra Itaipu. Nós temos feito, neste governo, o acrescentamento de 3 mil

megawatts por ano, comparado com o que se fazia no quinquênio anterior, que era de cerca de 1.500 megawatts por ano. Portanto, vê-se a velocidade em que é preciso crescer para continuar avançando.

Mas acho que o Brasil – nós sempre soubemos disso – é muito maior que todos esses desafios e dificuldades e não creio que os que, hoje, fazem uma espécie de novo discurso único ao redor do pessimismo por causa da energia, possam vencer. Não vão vencer. Vamos sair com a nossa economia reforçada, porque temos todas as condições para avançar nos ajustes que estão sendo feitos e vamos continuar no compromisso de sempre: crescer, gerar mais emprego, gerar renda. Porque isso é fundamental para um país que tem essa vocação de transformação e de melhoria, como é o nosso povo. Isso, obviamente, depende, em grande medida, de todos nós, mas depende do governo. E o governo estará – mas totalmente – comprometido, como está no avanço para superar essas crises.

Entendo também, mormente agora, aqui, que estamos nesta Usina William Arjona, justamente homenageando alguém que se dedicou à melhoria das condições especificamente neste setor, neste momento em que estamos aqui, inaugurando esta usina, em que o Presidente da Gerasul já explicou, aqui, o que foi feito, o que ela vai acrescentar, acho que é importante também dizer que é a primeira, como já foi dito, termelétrica que utiliza o gás da Bolívia. Mas é a primeira. Vamos ter que fazer muitas outras mais.

Na próxima quarta-feira, o Ministro José Jorge e eu vamos anunciar ao País o conjunto do programa que estamos elaborando e que não é um programa de papel. É um programa que já está em marcha, o próprio depoimento do Presidente da Gerasul mostra isso. Só Machadinho são 1.400 megawatts, e vai ser terminada. Nós vimos, aqui, quantas outras usinas estão sendo mobilizadas, apenas em um setor. Se olharmos o conjunto do Brasil, são muitas as usinas que estão avançando.

Ainda hoje, de manhã, antes de vir para cá, em Santa Cruz de la Sierra, estávamos reunidos com um grupo de empresários e um deles, brasileiro, disse que só a empresa dele está fazendo sete hidrelétricas, sendo que duas para o setor estatal e cinco para o setor privado. Isso é o

exemplo de uma só pessoa – ou seja, o Brasil continua trabalhando firmemente para produzir mais energia.

Mas é óbvio que, depois de termos visto, como vimos, uma nova planta de processamento de gás feita pela Petrobras, lá em San Alberto, que vai duplicar essa planta para poder disponibilizar cerca de 22 milhões de metros cúbicos de gás, que vão ser transportados por esse gasoduto já existente, que nós fizemos e será dobrado – precisaremos de outros gasodutos. Evidentemente, com essa incorporação de tudo isso, vamos sentir também que é necessário – e, aí, atendo ao que foi mencionado pelo Presidente da Eletrosul – nós vamos precisar também de ter regras claras e estáveis.

Preocupou-me a sua afirmação a respeito do Anexo V – acabo aprendendo esse negócio de energia – do Anexo V, ou seja, o governo honrará contratos. Governo sério honra contratos. Não pode haver governo sério que não honra contratos. E as regras têm que ser definidas. Uma vez definidas, não podem ser mudadas, simplesmente porque, em uma conjuntura, aconteceu a alguém a idéia, no Congresso ou no Executivo ou onde seja, de aproveitar a oportunidade para mudar tudo e mudar as regras do jogo. Assim não se constrói um país. País se constrói com rumo certo. O Brasil tem rumo, tem rumo certo, vai continuar neste rumo, de tal maneira que vamos aproveitar para resolver, graças a essa crise, essas dificuldades que existem e que já estamos equacionando. O Ministro José Jorge está trabalhando firmemente. O Ministro Pedro Parente, também, e todos os demais, com a Eletrobrás, a Petrobras, todos em conjunto, para que tenhamos, realmente, um horizonte. E volto ao Zeca: um horizonte que nos permita sonhar, realmente, com as taxas de crescimento adequadas para que possamos levar adiante as transformações do Brasil.

Acho que estamos empenhados nisso, assim como estamos firmemente empenhados no redesenho da nossa matriz energética. Eu tive a

oportunidade de dizer, na Bolívia, que me sinto feliz de ter sido impulsionador do processo da mudança da matriz energética. Não me canso de dizer: quando era Ministro das Relações Exteriores, tomei a decisão de fazer que o Brasil comprasse petróleo da Venezuela e da Argentina, para que houvesse base para a integração econômica do Brasil. Nós não comprávamos nada. Era tudo do Oriente Médio.

Empenhei-me, também, desde aquela época, para que houvesse o gasoduto, que hoje está aí. Nem se falava na utilização de gás no Brasil, de uma crise energética. Lá, em 92, 93, nós estávamos antevendo a necessidade e fazendo, tomando as medidas necessárias para que, hoje, se possa discutir não um, mas vários gasodutos. Para que nós possamos avançar, não só no gás da Bolívia ou o gás da Argentina mas, sobretudo, graças à Petrobras e às outras companhias que estão explorando o gás brasileiro que é crescentemente, também, aproveitado. Então, nós vamos, realmente, utilizar a sinergia derivada daí, para avançar mais e mais nessas transformações.

Esse caso, aqui, específico, é um caso significativo. Porque, na verdade, nós estamos, simplesmente, substituindo fonte de energia, do diesel para o gás. Essa substituição é mais econômica, é mais rentável e é energia mais limpa. Portanto, obedece a vários critérios de interesse público.

Nós vamos precisar avançar muito mais. Se nós olharmos o programa até 2005, vamos precisar de uma expansão, só no setor de termoelétrica, de cerca de 15.000 megawatts. É muita energia. Basta dizer que esses 40 milhões de metros cúbicos de gás, como eu já disse, geram, mais ou menos, 10, no máximo 12 mil megawatts. E nós vamos precisar aumentar muito e muito mais tudo isso aí.

Acho que, para isso, é vital que haja esta recuperação da crença no nosso programa energético. E essa convergência de esforços do setor público com o setor privado. Vai continuar cabendo ao setor público, como é normal, a regulamentação, a definição de regras que sejam viáveis. Vai continuar cabendo ao setor público a fiscalização, olhado do ponto de vista do interesse do consumidor.

Mas vai continuar cabendo, também, ao setor público, a compreensão de que ele não pode avançar em todas essas áreas, porque ele não

tem recursos. Se quiser esse recurso, vai ter que taxar o povo, colocar impostos. E que, portanto, sem diminuir a importância das ações das estatais, como a Petrobras, ou como a Eletrobrás, que continuarão, como eixos fundamentais, para ajudar essa transformação do Brasil. Nós precisamos do acrescentamento do setor privado. Nós precisamos mobilizar mais e mais recursos do setor privado, para fazer face ao tamanho do desafio do Brasil.

O Brasil é grande demais, para que o Estado tenha a pretensão de se ocupar dele. O Brasil tem que ser ocupado pelo conjunto da sociedade que, obviamente, tome em consideração e tem como parte essencial o Estado, mas sabe que o Estado, sozinho, não será capaz de fazer frente a isso. É preciso haver essa grande mobilização do setor privado, também, para que nós possamos avançar. Nós vamos continuar avançando.

Quero dizer que, se hoje estou aqui, na inauguração de uma, dentro desse programa, até pequena usina, é porque é importante dar esse sinal de que é a primeira de uma série de usinas termoeletricas que vão utilizar o gás da Bolívia e vão utilizar o gás do Brasil. É a primeira de uma série.

Isso é um sinal claro, para a população brasileira, de que nós não estamos, simplesmente, vendo passar o tempo e esperando para ver se vai chover ou não vai chover, torcendo para que haja muita chuva, mas nos preparando para a eventualidade, não de hoje só, mas do futuro.

Porque, se nós não tivermos essa visão de grandeza, se nós não formos capazes de sonhar com um Brasil mais poderoso, inclusive na sua base energética, evidentemente nós não mudamos nada. Nós vamos mudar.

Quero, portanto, felicitar àqueles que fizeram esse empreendimento. Quero lhes dizer, também, que vamos avançar, mais e mais, nas regulamentações positivas. Quero dizer que a reclamação do Governador de Mato Grosso do Sul é totalmente procedente. Não tem cabimento que as usinas de Corumbá e Três Lagoas, para não dever quatro ao Senador, as termoeletricas de Corumbá e Três Lagoas precisam ser feitas, com respeito ao meio ambiente.

O Governador Zeca disse que ele fala com autoridade. Bom, eu, muito antes de ser Presidente, ou mesmo Ministro, como Senador, e mesmo antes, eu pertencia à WWF, que é uma organização ambienta-

lista mundial, participei de reuniões. Sou absolutamente consciente. Ainda agora, estamos brigando por causa do Protocolo de Kioto. A posição do Brasil é clara, a favor do Protocolo de Kioto.

Tenho certeza de que nós todos, que temos noção das coisas, sabemos que as mudanças climáticas são um desafio. Se nós mesmos, hoje, estamos sofrendo com essas mudanças de chuva – sabe-se Deus por quê – quando se olha uma série histórica de 100 anos, está-se vendo que a média, a cada 20 anos, de pluviosidade, diminui. A cada 20 anos há mudanças efetivas. Se tudo isso é verdade, não pode servir de entrave burocrático para que se dê licenciamento a usinas que vão respeitar o meio ambiente. Isso é antipatriótico. Eu apelo àqueles que são responsáveis técnica e burocraticamente, assim como ao Ministério Público, que entenda que é importante, neste momento, acelerar as decisões. Não tem sentido algum, e em nome de um princípio válido que é o da proteção ao meio ambiente, impedir que a população tenha o mínimo de bem-estar necessário e tenha emprego para sobreviver. É preciso conciliar essas coisas. É preciso convergir, respeitar o meio ambiente, mas respeitar, sobretudo, a fome de energia e a vontade de crescer do povo brasileiro. Nós vamos fazer, vamos atuar dessa maneira.

Eu queria dizer, portanto, ao agradecer aos responsáveis por essa empresa, que a minha presença aqui é para dar esse sinal claro de que estamos avançando.

E quero finalizar dizendo que precisamos, mais do que nunca, neste momento, de compreensão recíproca. O Governador Zeca disse que ele é capaz de reconhecer erros, que é capaz de ter diálogo com as bancadas, mesmo as que são de oposição. Eu só não tenho porque não quero. Fico o tempo todo pedindo o diálogo. Acho que é importante que exista uma atitude responsável neste momento do Brasil. Esta responsabilidade não é a responsabilidade da não-discussão. Não. Com a nossa bancada tenho o diálogo perfeito e, a cada instante, essa bancada cobra. É o dever dela. As bancadas de oposição, certamente, cobrarão mais. Mas é importante ter a consciência cívica, eu diria, de que certas questões ultrapassam o limite do sectarismo político e que o nosso povo cansou disso. Cansou. Cansou de ver um trabalho permanente de

destruição recíproca. Não faço alusões porque não são necessárias. Mas são destruições recíprocas. No fim, saem esfrangalhados aqueles que começam uma atitude que não é construtiva, que não é de colocar adiante os problemas do País.

É por isso também que estou feliz aqui, em Mato Grosso do Sul – o outro também, mas não fui lá – porque, aqui, percebo que existe essa possibilidade de colocarmos as questões do País, do estado, da população à frente das nossas divergências. A relação do nosso Ministro Ramez Tebet com a bancada e com o Governador vai ser uma relação para afiançar essa possibilidade de um avanço contínuo.

Desculpem ter tomado a oportunidade de uma inauguração dessa usina para me referir a outras questões que são importantes para o Brasil, mas creio que, no fundo, o problema é o mesmo em toda parte: é preciso que as pessoas de boa-vontade dêem as mãos umas às outras, porque só assim é que o povo será bem atendido, e só assim é que seremos dignos daquilo que este povo já fez tanto por nós, elegendo-nos pelo menos uma vez a cada um de nós, cobrando sempre, mas tendo a capacidade de entender que, basta um sinal, basta um apelo: “Olha, segura aí o gasto de energia” e este povo ajuda e comparece. O mínimo que podemos fazer entre nós é entendermo-nos uns com os outros para fazer o Brasil avançar, para o bem do nosso país. Nós vamos fazer isso. Vamos, juntos.

Muito obrigado.